

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 27

JULHO, 22, 1965

## A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA DO RIO ITACAIÚNAS

NAPOLEÃO FIGUEIREDO ( \* )

Universidade do Pará

O rio Itacaiúnas, afluente do Tocantins, está localizado no Estado do Pará, entre os meridianos 48° e 52° W e paralelos 4° e 6° S, em faixa amazônica. O relevo é de platô terciário e pouco movimentado (Guerra, A.T., 1957), com clima quente e úmido e estação seca pronunciada (Guerra, I.T., 1957). A vegetação é do tipo de floresta equatorial latifoliada com predominância de terras firmes (Galvão, 1957) e a economia predominante é o extrativismo florestal com base na castanha-do-Pará.

Esse rio é navegável somente na estação chuvosa, pois, durante a seca apenas embarcações de pequeno calado conseguem penetração. O acesso à referida região é feita através do rio Tocantins, cheio de trechos encachoeirados e do próprio rio Itacaiúnas também cortado por inúmeras cachoeiras e travessões (Coudreau, 1898 : mapas).

As informações sobre os antigos habitantes da região remontam a 1636 com o padre jesuíta Luiz Figueira, que "pre-gou e depois foi visitar as aldeias do Tocantins, que eram umas cinco ou seis, por aquele aprazível rio acima como quinze léguas" (Leite, 1943 : 313). Em 1653 esteve na referida região o padre Antonio Ribeiro e no mesmo ano, Vieira e ou-

( \* ) — Trabalho realizado no laboratório de Arqueologia da Divisão de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi.

tros subiram até a cachoeira do Itaboca. O historiador dos jesuitas no Brasil ainda nos relata as viagens do Padre Francisco Veloso à nação Tupinambá; Tomé Ribeiro aos Karajá; Manuel Nunes aos Inheiguara e Poquiquara; padre Gaspar Misch aos Poqui e Tupinambá; padre Gonçalo de Veras e irmão Sebastião Teixeira, referindo-se aos índios Aruaqui, Guarajú e Caatinga. A última entrada de missionários jesuitas no rio Tocantins é de 1721-1722 feita pelos padres Manoel da Mota e Jerônimo da Gama, que nos trazem referências sobre os índios Jaguari ou Guararise e Tocaiúna ou Taquenhunha, citando ainda os Oroeporá (ibid : 313-344).

Cotejando-se as informações que nos trouxeram êses missionários jesuitas no Tocantins com o mapa da expansão dos mesmos no norte do Brasil, séculos XVII e XVIII, vamos constatar que na região do rio Itacaiúnas existiam os seguintes grupos : *Tupinambá, Potiguara, Caatinga, Aruaqui, Nambiquara, Jaguari e Tocaiúna.*

Lowie (1946 : 381), quando estuda os grupos indígenas do Brasil oriental, apresenta mapa de Nimuendaju onde no rio Itacaiúnas estão indicados dois grupos : Tacayuna e Purucarod, ambos extintos. Coudreau (1898 : 78) nos traz igualmente a informação prestada por Frei Gil de Vila Nova, de grupos Kayapó, Xikrin e Purucarú e, mais adiante fala do encontro de traços de passagem recente de índios desconhecidos (Ibid : 79).

A situação atual dos grupos que habitam a referida região é bem definida por Galvão (1960 : 31) que a inclui dentro da *área cultural Tocantins-Xingu*, núcleo ocidental, onde os contatos variam desde isolados para os grupos Kayapó do Xingu até permanentes para os Timbira, esclarecendo :

“A marcada hostilidade inter-tribal e entre aldeias do mesmo grupo. Resistência à aculturação néo-brasileira. Entre as tribos jê da área, não se observa aculturação inter-tribal ou diferenças marcantes de nível de desenvolvimento. Nota-se a difusão de um padrão básico comum a tôdas as tribos. Elementos acessórios identificam e diferenciam os diversos grupos.” (Ibid.)

O material arqueológico descrito na presente contribuição foi coletado e a nós entregue para estudo por Protásio Frikel, pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, em suas excursões à região habitada pelos índios Xikrín, no rio Itacaiúnas. Todo material proveniente dessas duas coletas está depositado na Divisão de Antropologia do mesmo Museu, onde foi por nós trabalhado e estudado. Agradecemos a colaboração da pesquisadora-assistente Conceição Gentil Corrêa, da referida Divisão, na manipulação do material arqueológico do presente ensaio. Os desenhos são de Raphael Ferreira Alves e as fotos de Oscar Ramos, ambos do Museu Goeldi.

#### OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS (1)

Os achados foram feitos no rio Itacaiúnas e Caiteté (mapa 1), marcando-se entretanto diversos outros onde não foi possível realizar coleta. As dificuldades de acesso à região, acrescidas do problema de transporte para o material coletado, acarretaram apenas demarcação desses sítios para posterior visita. Foram demarcados os seguintes :

**VIRAÇÃOZINHO** — à margem esquerda do rio Itacaiúnas, numa ponta de mata alta. O sítio fica abaixo da cachoeira Grande, situado na foz do rio Vermelho;

**JACARÊZINHO** — à margem do rio Itacaiúnas, acima do rio Vermelho;

**ILHA DAS COBRAS** — local situado entre as cachoeiras da Tartaruga e do Carrasco;

**BÔCA DO RIO PRÊTO** — à margem do rio Itacaiúnas, no ângulo de confluência com o rio Prêto, à margem esquerda da foz, em uma elevação onde atualmente existem casa e roça;

**TAPIRAPÉ** — à margem esquerda do rio Itacaiúnas, na foz do igarapé Tapirapé;

**CALDEIRÃO** — ao lado da cachoeira do mesmo nome à margem direita do rio Itacaiúnas.

(1) — As informações sobre os sítios e achados foram retirados do Relatório de Excursão apresentado por Protásio Frikel ao Chefe da Divisão de Antropologia do Museu Goeldi.

Os sítios onde foi realizada coleta de material são os seguintes :

ENCONTRO — à margem esquerda do rio Itacaiúnas, onde atualmente se encontra a casa de Miguel Maranhão. Os restos arqueológicos foram encontrados em uma elevação (N.º 926. Col. Frikel, Museu Goeldi);

CARRASCO — à margem direita do rio Itacaiúnas (N.º 1055. Col. Frikel, Museu Goeldi);

ALTO BONITO — à margem esquerda do rio Itacaiúnas, abaixo do igarapé Tapirapé. O local é plano e o sítio está localizado em uma elevação, onde a cerâmica aparece na superfície em mistura com líticos (N.º 1056. Col. Frikel, Museu Goeldi);

ALDEIA VELHA DO CAITETÉ — sítio localizado na roça dos índios Xikrín, para dentro da mata, na margem esquerda do rio Caiteté, afastada do rio uns 300 a 500 metros. Zona de *terra-preta* e de cerrado com capoeira. Muitos fragmentos na superfície e os achados em pouca profundidade de 0,10 a 0,20 m (N.º 927. Col. Frikel, Museu Goeldi);

ALDEIA NOVA DOS XIKRÍN — situada na parte inferior do ângulo formado pela confluência do Caiteté com o Itacaiúnas. A aldeia fica no alto de um barranco que ali forma uma elevação estreita, seguida de uma baixada que nos dias de chuva se torna alagadiça. Adiante dessa baixada o solo eleva-se suavemente, formando uma plataforma plana de *terra-preta*, onde está situado o sítio arqueológico. A referida plataforma dista cerca de 100 metros da margem e é hoje ocupada pela roça dos índios Xikrín. A foz do rio Caiteté fica à curta distância aproximadamente a SSW (mapa 2). (Ns. 1049 a 1054. Col. Frikel, Museu Goeldi).

#### OS ACHADOS

A atual roça abrange quase tôda a totalidade de *terra-preta*, formando um quadrado de 100 metros de lado e a camada da mesma varia entre 0,40 a 0,60 m. Para o lado do Caiteté (SSW) parece que ela se torna mais profunda que para o lado N.

Os fragmentos de cerâmica foram encontrados em uma profundidade de 0,10 a 0,25 m. Essa pequena profundidade talvez seja devida às circunstâncias do terreno e às chuvas constantes que levam para as partes mais baixas a terra, entulhando assim as cavidades e nivelando o solo. Tôda cerâmica encontra-se nessa camada de *terra-preta* e parece ser da mesma época, pois forma uma só camada compacta, abaixo da qual o terreno apresenta-se estéril. A cerâmica grossa (fingersprint) se acha freqüentemente abaixo da cerâmica mais fina. Em três cortes experimentais (ns. 1, 2, 3 do mapa 2), foi tentada a possibilidade de realização de cortes-estratigráficos, entretanto os índios, com o desejo de ajudar, estragaram as tentativas, misturando o material coletado e arrancando fragmentos sem cuidado algum.

É grande a quantidade de seixos rolados, espalhados por tôda a zona de *terra-preta*. Encontram-se igualmente muitos seixos quebrados e lascas de quartzo. Os primeiros, à feição de outros grupos, parecem ter sido usados para o alisamento das paredes dos vasos de cerâmica e, os segundos, para obter tempêro para a mesma. Os Xikrín mencionam ainda que poderiam ser utilizados para a fabricação do "krüturá" (tembetá de quartzo) ou para servirem de escarificadores.

Històricamente pouco se sabe dos fabricantes dessa cerâmica. Os Xikrín possuem uma tradição vaga a êsse respeito e como imigraram a pouco para essa região, talvez pelo fim do século passado, relatam que os Mebenokré (auto-denominação dos Xikrín) expulsaram todos os grupos que habitavam a região para o rio abaixo. Relatam nomes como Assurini e Karadjá, todavia precisamos anotar que êsses grupos são simplesmente denominações generalizadas para grupos Tupi e não se trata, necessariamente, de grupos conhecidos como Asuriní e muito menos Karajá. Relatam ainda que os primeiros imigrantes Xikrín forçaram os grupos Tupi do Itacaiúnas a entrarem nas matas dos afluentes dêsse rio, como o Igarapé Tapirapé, rio Cinzento, etc. Dizem êles, que provêm dêsses grupos a cerâmica existente naquelas faixas de *terra-preta*. O critério lin-

güístico adotado pelos Xikrín, evidência que se trata de grupos Tupí : fôgo — “tatá”; água — “yg”; milho — “awati”, etc.

Em todos os sítios escavados não foram encontrados restos ósseos ou outra evidência que indicasse tratar-se de sítios-cemitérios.

## TIPOLOGIA (2)

A análise da cerâmica coletada na região do rio Itacaiúnas é decalcada em 1911 fragmentos de uma cerâmica expêssa e simples; de 1610 fragmentos de uma cerâmica fina e simples; de 105 fragmentos de uma cerâmica grossa com decoração em corrugado; de 125 fragmentos de cerâmica não computada (incisa, modelada e pintada) que não alcançaram percentagem qualitativa ou quantitativa, num total de 3749 fragmentos. A manipulação do referido material leva-nos a estabelecer três tipos : *Itacaiúnas simples*, *Caiteté simples* e *Itacaiúnas corrugado*.

### Itacaiúnas simples

#### PASTA

*Manufatura* — técnica de enroscamento onde cada rôsca tem uma largura média de 2 mm. As marcas das junções não são visíveis quer externa ou internamente. As fraturas não ocorrem nunca ao longo das junções, pelo contrário, os cacos apresentam fragmentações irregulares.

*Tempêro* — arcia média misturada com pequenos fragmentos de rocha (quartzo e feldspato) e algumas vêzes tabatinga branca ou vermelha.

*Textura* — cerâmica grossa com toque áspero, não sendo fâcilmente quebrada nas zonas de ligamento, de bastante consistência, apresentando, freqüentemente, pequenas bôlsas de ar.

*Côr* — na fratura, apresenta côr ocre escura com núcleo mais pronunciado.

*Queima* — oxidação incompleta.

(2) — Para descrição da cerâmica foram utilizadas as normas de Shepard (1961), adotadas pela Divisão de Antropologia do Museu Emilio Goeldi, para classificação da cerâmica arqueológica e etnográfica.

**SUPERFÍCIE**

*Tratamento* — alisado simples externo e interno. O alisamento provavelmente foi realizado com técnica de raspagem e lixamento.

*Côr* — variando do ocre claro ao escuro com vestígios de oxidação produzida por fogo.

*Dureza* — inferior a 3.

**FORMA**

- 1) Vaso simétrico, de bôca constricta (Fig. 1)  
*Contôrno* — simples.  
*Forma* — possivelmente ovóide ponteguda.  
*Grossura das paredes* — 10 mm.  
*Maior diâmetro de bôca* — 500 mm.  
*Base* — Plana (?)  
*Corpo* — liso.  
*Borda* — introvertida inclinada com lábio apontado.
  
- 2) Vaso simétrico, de bôca constricta (Fig. 2)  
*Contôrno* — simples.  
*Forma* — possivelmente elipsóide horizontal.  
*Grossura das paredes* — 15 mm.  
*Maior diâmetro de bôca* — 400 mm.  
*Base* — Plana (?)  
*Corpo* — liso.  
*Borda* — introvertida inclinada com lábio arredondado.
  
- 3) Vaso (alguidar) simétrico, de bôca ampliada (Fig. 3)  
*Contôrno* — infletido.  
*Forma* — elipsóide horizontal.  
*Grossura das paredes* — 10 mm.  
*Maior diâmetro de bôca* — 500 mm.  
*Base* — Plana (?)  
*Corpo* — liso.  
*Borda* — extrovertida inclinada com lábio apontado.
  
- 4) Vaso simétrico, de bôca constricta (Fig. 4)  
*Contôrno* — complexo.  
*Forma* — possivelmente ovóide horizontal.  
*Grossura das paredes* — 7 mm.  
*Maior diâmetro de bôca* — 380 mm.  
*Base* — Plana (?)  
*Borda* — extrovertida inclinada com lábio arredondado.

## Caiteté simples

### PASTA

*Manufatura* — técnica de enroscamento onde as marcas das junções não são visíveis quer externa ou internamente. As fraturas não ocorrem nunca ao longo das junções, pelo contrário, os cacos apresentam sempre fragmentações irregulares.

*Tempêro* — areia fina misturada com fragmentos de rocha (quartzo e algumas porções de feldspato) e algumas vezes com tabatinga branca ou vermelha.

*Textura* — cerâmica fina com toque áspero, não sendo quebrável nas zonas de ligamento. Cerâmica de bastante consistência, apresentando, freqüentemente, pequenas bôlsas de ar.

*Côr* — na fratura apresenta côr ocre escura com núcleo mais pronunciado.

*Queima* — oxidação incompleta.

### SUPERFÍCIE

*Tratamento* — alisamento simples externo e interno, provávelmente realizado com a técnica de polimento feito com seixos rolados.

*Côr* — variando do ocre escuro ao claro, com vestígios de fuligem.

*Dureza* — inferior a 3.

### FORMA

- 1) Vaso simétrico, de bôca constricta (Fig. 5)

*Contôrno* — simples.

*Forma* — elipsóide vertical.

*Grossura das paredes* — 7 mm.

*Maior diâmetro de bôca* — 320 mm.

*Base* — Plana (?)

*Corpo* — liso.

*Borda* — introvertida inclinada com lábio apontado.

- 2) Vaso simétrico, de bôca constricta (Fig. 6)

*Contôrno* — simples.

*Forma* — elipsóide vertical.

*Grossura das paredes* — 5 mm.

*Maior diâmetro de bôca* — 240 mm.

*Base* — Plana (?)

*Corpo* — liso.

*Borda* — introvertida inclinada de lábio arredondado.

- 3) Vaso simétrico, de bôca constricta (Fig. 7)  
*Contôrno* — composto.  
*Forma* — esferóide.  
*Grossura das paredes* — 5 mm.  
*Maior diâmetro de bôca* — 240 mm.  
*Base* — Plana (?)  
*Corpo* — liso.  
*Borda* — extrovertida inclinada de lábio arredondado.

### Itacaiúnas corrugado

#### PASTA

Idêntica ao Itacaiúnas Simples.

#### SUPERFÍCIE

*Tratamento* — técnica de alisamento interno completo e externo com impressões (fingersprint). A técnica de impressões é zonária.  
*Côr* — idêntica ao Itacaiúnas Simples.  
*Dureza* — Inferior a 3.

#### FORMA

- 1) Vaso simétrico, de bôca constricta (idêntica ao Itacaiúnas Simples 1)  
*Contôrno* — simples.  
*Forma* — possivelmente ovóide ponteaguda.  
*Base* — Plana (?)  
*Corpo* — com parte superior lisa e a inferior com impressões digitais (fingersprint).  
*Borda* — introvertida inclinada de lábio apontado.  
*Decoração* — corrugada.
- 2) Vaso simétrico, de bôca constricta (idêntica ao Itacaiúnas Simples 2)  
*Contôrno* — simples.  
*Forma* — possivelmente elipsóide horizontal.  
*Base* — Plana (?)  
*Corpo* — com parte superior lisa e a inferior com impressões digitais (fingersprint).  
*Borda* — introvertida inclinada de lábio arredondado.
- 3) Vaso simétrico, de bôca constricta (Fig. 8)  
*Contôrno* — composto.

*Forma* — possivelmente elipsóide vertical.

*Grossura das paredes* — 10 mm.

*Maior diâmetro de boca* — 510 mm.

*Corpo* — com parte superior lisa e a inferior com impressões digitais (fingersprint).

*Borda* — introvertida inclinada com lábio plano denteado.

### FRAGMENTOS DE CERÂMICA NÃO COMPUTADOS (3)

Foram coletados ainda fragmentos em quantidade não computável, pois apresentaram-se com menos de 50 fragmentos para uma possível classificação tipológica, de cerâmica com as seguintes decorações: inciso (figs. 9 e 10), onde o alisado é simples, internamente e, externamente com incisão de linha reta na borda ou formando desenhos geométricos; pintado (fig. 11), onde a pintura é realizada após a queima, com tinta vermelha (mineral) com linhas paralelas negras, duas a duas, com pintura ocre entre ambas (provavelmente urucu), na parte interna; alguns fragmentos apresentam ainda desenhos feitos em tinta vermelha (mineral) com traços paralelos cruzados sobre a superfície do vaso ou simplesmente pintura branca, vendo-se vestígios de traços negros e vermelhos. Alguns fragmentos, além da pintura, apresentam ainda incisões paralelas na parte externa (fig. 12); e modelados (figs. 13 e 14) onde aparecem botões ou apliques antropomorfos (rosto bem modelado, mostrando em baixo relêvo olhos e boca e em alto relêvo, nariz).

### ARTEFATOS NÃO CERAMISTAS

Associados aos fragmentos de cerâmica, foram igualmente coletados: seixos rolados provavelmente utilizados para o alisamento das paredes dos vasos e ainda objetos líticos, uns inteiros (raspador fig. 15; machado — fig. 17) e outros fragmentados (machados e quebra-côco — fig. 16). O machado não fragmentado é do tipo comum encontrado em área amazônica.

(3) — Como se apresentaram fragmentos sem representação quantitativa e qualitativa para estabelecimento de tipos, os mesmos não foram computados, adotando-se o esquema de Ford (1962: 42).

## CONSIDERAÇÕES

A arqueologia do Sul e do Brasil Central, como bem acentuam Silva e Meggers (1963 : 123) tem recebido por parte de arqueólogos pouca atenção, o mesmo ocorrendo com a área Amazônica, enquanto que na faixa intermediária entre essas áreas, pouca ou nenhuma pesquisa foi realizada.

Da parte S do Amazonas, apenas um trabalho é conhecido : o de Hilbert (1958) sobre as urnas funerárias do rio Cururu no Alto Tapajós. O Museu Emílio Goeldi, apesar de possuir coleções de superfície do rio Xingu (rio Fresco e Altamira, respectivamente, ns. 825 a 827 e 828 a 832, Col. Moreira Neto, 1959) e do curso inferior do rio Tocantins (Baião, ns. 836 a 838, Col. Hilbert, 1958), as mesmas, pela reduzida representação quantitativa, não comportam estabelecimento de tipologia e correlações com outras cerâmicas.

As informações dos cronistas missionários e outros sobre os antigos habitantes da região do rio Tocantins e seus afluentes, nos indicam que os mesmos eram grupos Tupi. Metraux (1927 : 42) refere-se por um lado, na mesma região, a grupos Tupinambá-Potiguára, vindos do Maranhão, possivelmente empurrados pela expansão portuguesa, e por outro, por uma rota, cortando os rios Araguaia e Tocantins, subindo depois em direção NW para o rio Amazonas. Todavia, não indica quais os grupos, referindo-se apenas aos Tupi-Guarani da Costa, na época de 1539-1549, esclarecendo ainda tratar-se de um itinerário estabelecido sobre bases hipotéticas e de uma migração em busca do "paraíso terrestre" (Metraux, 1927 : Tableau chronologique).

Metraux (1928 : 242) citando Kissenberth fala ainda de achados arqueológicos no Morro dos Kayapó, próximo à Conceição do Araguaia, de vasos com decoração corrugada (fingersprint) como provavelmente de origem Tupi e mais adiante o mesmo autor (ibid : 246) indica, como técnicas ceramistas dos Tupinambá, a pintura e o corrugado.

A ocupação da região do rio Itacaiúnas por grupos Kayapó é mais ou menos do final do século passado e a memória tribal de um dos grupos Xikrín (4) vem corroborar a informação fornecida por Coudreau (1898 : 78-9).

O período de tempo decorrido entre as informações constantes das primeiras entradas missionárias e a ocupação atual, dilui-se na falta de informes, pois, ao lado da penetração desses grupos Kayapó, as frentes pioneiras de penetração nacional, há muito que atuam nessa área, não somente em busca de castanha-do-Pará, num tipo de economia todo êle repousando em base extrativista, como em um outro tipo, a mineração, pois a referida região é rica em diamantes, ouro e cristal de rocha.

Essas frentes que alcançaram as populações indígenas ali localizadas continuam ainda nos dias de hoje a atingi-las e a marcada hostilidade entre tribos e aldeias do mesmo grupo, levam a uma dispersão demográfica e a uma constante movimentação dessas aldeias.

Os atuais ocupantes da região, os Xikrín, não somente desconhecem o fabrico de cerâmica, como pouco a utilizam, preferindo nos contatos com essas frentes de penetração nacional, o recebimento de panelas e latas, não somente pela durabilidade desses implementos, como pela sua facilidade de transporte.

O material arqueológico estudado apresenta aspectos interessantes, pois, da cerâmica simples em seus dois tipos, constata-se um percentual quase total em relação à cerâmica decorada e a não computada. Assim, temos : *Itacaiúnas Simples*, 50,78%; *Caiteté Simples*, 43,11%; *Itacaiúnas Corrugado*, 2,81% e cerâmica não computada, 3,30%.

À técnica de manufatura é comum em todos os tipos : enroscamento, onde as marcas das junções não são visíveis, quer externa ou internamente e, quando ocorrem fraturas, as mesmas não aparecem nunca ao longo das junções e os cacos apresentam fragmentações irregulares.

(4) — Informações prestadas por Protásio Frikel.

O tempêro é comum para todos os tipos — areia fina misturada com fragmentos de rocha (quartzo e algumas porções de feldspato).

A freqüência desses tipos na Roça Nova dos Xikrin é total, inclusive da cerâmica que apresenta elementos com menos de 50 exemplares.

Assim, tudo nos leva a acreditar, tratar-se de cerâmica produzida por grupo indígena anterior aos Xikrin, de uma única origem e em uma mesma ocupação. Os sítios sempre localizados em zonas de *terra-preta*, apresentam uma só camada compacta e muito embora a cerâmica tipo *Itacaiúnas Simples ou Corrugado*, esteja freqüentemente abaixo da cerâmica tipo *Caiteté Simples*, talvez seja porque os cacos daquele tipo, são sempre grandes, enquanto que os dêste são pequenos. Os fragmentos assim, são sempre em maior quantidade e como, possivelmente, tratava-se de cerâmica utilitária destinada a cozinhar alimentos de maior vulto, quebravam-se mais facilmente que a outra, mais delicada e de uso menos constante.

A presença desses sítios arqueológicos em zonas de *terra-preta*, indicam também agricultura, e a existência de fragmentos de fundo de vasos, com furos (fig. 18) quer-nos parecer que os mesmos eram destinados à coagem da mandioca e sua compressão manual pela bôca do vaso, para extração do ácido cianídrico.

A ocupação dessa região pelos fabricantes dessa cerâmica nos parece ser pós-cabralina e deve datar, possivelmente, da época da expansão colonizadora dos portugueses na costa atlântica, recalcando para o interior todos êsses grupos, em sua grande maioria Tupí.

Muito embora todo o material coletado seja em forma de fragmentos, sem uma única peça inteira ou passível de reconstituição total, a forma do vasilhame assemelha-se bastante à cerâmica tupi-guarani (Metraux, 1948 : 110).

Assim, do estudo e análise da cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas, somos levados a acreditar que êsse material é

proveniente de *sítios-habitación*, com uma só ocupação feita por grupo portador da mesma técnica ceramista, possivelmente Tupí, oriundo da costa atlântica e recalcado para o *hinterland* brasileiro pela expansão da colonização portuguesa.

A demarcação já realizada dos sítios arqueológicos da região do rio Itacaiúnas possibilitará pesquisa posterior, desta feita orientada para êsse e outros sítios, tornando assim possível, pela coleta sistemática do material arqueológico encontrado na região, novos elementos para complementação do presente estudo.

## S U M M A R Y

This paper is an attempt to describe a collection of archeological material from the sites of "Encontro", "Carrasco", "Alto Bonito", "Aldeia Velha do Caiteté" and "Aldeia Nova dos Xikrín". The material was gathered by Protasio Frikel during two expeditions on the river Itacaiunas, tributary of the river Tocantins, state of Pará, Brazil.

The pottery presented in this paper is historically not well known. Even the local people, the Xikrín, have a slight idea about it, since they have emigrated into this area probably at the end of last century.

Three main types are distinguished : the *Itacaiunas Plain*, the *Caiteté Plain* and the *Itacaiunas Corrugated*. There are also some decorated elements such as "modelling", "incised" and "painted" but they have no expressive presence.

The soil where the archeological sites were located, consisted of "terra preta", a soil good for agriculture. For this reason, we believe the people in question had a "tropical forest" culture and belonged to a post-Cabralina age during the Atlantic Coast colonization. We also believe that the present material belongs to the "habitation sites", and it was made by a group of people who occupied the sites only once, and who had the same pottery technique, probably Tupi, as the one developed on the Atlantic coast and expanded throughout the Brazilian hinterland by the Portuguese colonization.

BIBLIOGRAFIA CITADA

COUDREAU, HENRY

1898 — *Voyage a Itaboca et a l'Itacaiuna*. A. Lahure. Imprimeur Editeur. Paris.

FORD, JAMES A.

1962 — Método quantitativo para estabelecer cronologias culturais. *Manuais técnicos*, III. Union Panamericana. Washington.

GALVÃO, EDUARDO

1960 — Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900:1959. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nova Série. Antropologia, n.º 8. Belém.

GALVÃO, ROBERTO

1957 — Tipos de vegetação na região Amazônica, *IN Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. XIV. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.

GUERRA, ANTONIO TEIXEIRA

1957 — Relêvo e Economia, *In Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. XIV. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.

GUERRA, IGNEZ AMÉLIA LEAL TEIXEIRA

1957 — Tipos de clima da região norte, *In Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Vol. XIV. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.

HILBERT, PETER PAUL

1958 — Urnas funerárias do rio Cururu, Alto Tapajós. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nova Série. Antropologia, n.º 6. Belém.

LEITE, SERAFIM

1943 — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Tomo III. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro.

LOWIE, ROBERT H.

1949 — The Indians of Eastern Brazil. Eastern Brazil: An Introduction, *In Handbook of South American Indians*, vol. I. Smithsonian Institution. Bureau of American Ethnology, Bul. 1943. Washington, pp. 381-397.

MEGGERS, BETTY J. AND SILVA, FERNANDO ALTENFELDER

- 1963 — Cultural development in Brazil, *In Aboriginal cultural development in Latin American: An interpretative review*. Edited by Betty J. Meggers and Clifford Evans. Smithsonian Institution. *Miscellaneous Collections*, vol. 146, n.º 1. Washington, pp. 119-130.

METRAUX, ALFRED

- 1927 — *Migrations Historiques des Tupi Guarani*. Librairie Orientale et Americaine. Paris.
- 1928 — *La civilization matérielles de tribus tupi-guarani*. Librairie Orientaliste Paul Geuthner. Paris.
- 1948 — The Tupinamba, *In Handbook of South American Indians*, vol. III. Smithsonian Institution. *Bureau of American Ethnology, Bull.* 143. Washington, pp. 95-133.

SHEPARD, ANNA O.

- 1961 — Ceramics for the archeologist. *Carnegie Institution of Washington*. Publication 609. Washington.

SILVA, FERNANDO ALTENFELDER AND MEGGERS, BETTY J.

- 1963 — Cultural development in Brazil, *In Aboriginal cultural development in Latin American: An interpretative review*. Edited by Betty J. Meggers and Clifford Evans. Smithsonian Institution. *Miscellaneous Collections*, vol 146, n.º 1. Washington. pp. 119-130.

QUADRO I

	Itacalinas simples	Caiteté simples	Itacalinas corrugado	Cerâmica não computada	Total
Encontro .....	61	8	1	1	71
Carrasco .....	92	—	10	13	115
Alto Bonito .....	48	—	—	—	48
Aldeia Velha do Caiteté ....	286	90	12	—	388
Roça Nova dos Xikrín .....	1424	1512	82	109	3127
Total .....	1911	1610	105	123	3749
% .....	51,0	42,7	2,8	3,5	100

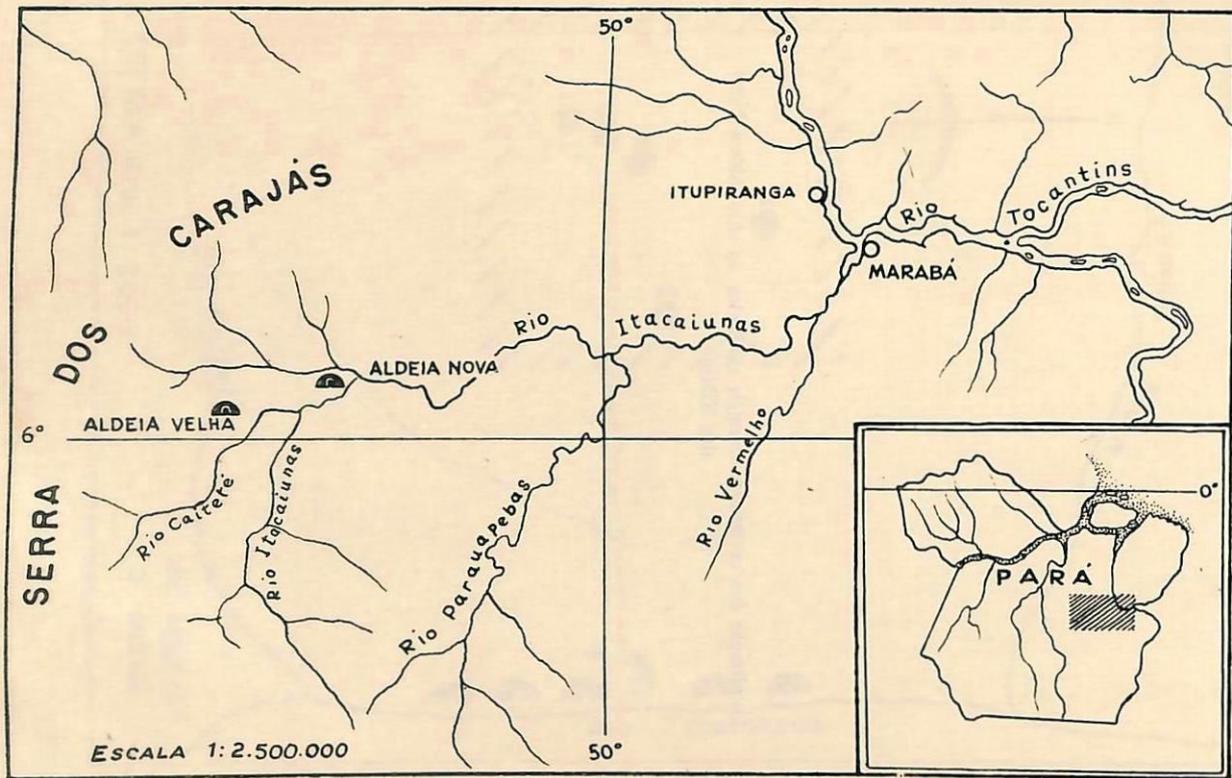
Distribuição percentual por tipos e sítios arqueológicos

QUADRO II

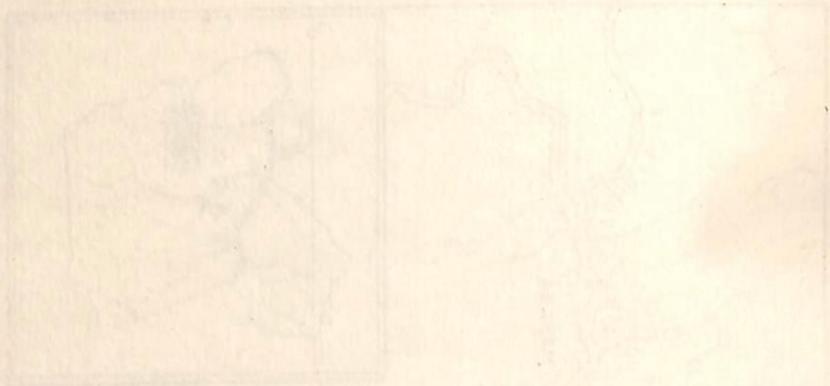
SÍTIOS	ENCONTRO (Corte único)					CARRASCO (Corte único)					ALTO BONITO (Corte único)					ALDEIA VELHA DO CAITETÉ (Corte único)					ROÇA NOVA DOS XIKRÍN (Total dos Cortes)				
	Itacalúmas simples	Caiteté simples	Itacalúmas corrugado	Cerâmica não computada	Total do sítio	Itacalúmas simples	Caiteté simples	Itacalúmas corrugado	Cerâmica não computada	Total do sítio	Itacalúmas simples	Caiteté simples	Itacalúmas corrugado	Cerâmica não computada	Total do sítio	Itacalúmas simples	Caiteté simples	Itacalúmas corrugado	Cerâmica não computada	Total do sítio	Itacalúmas simples	Caiteté simples	Itacalúmas corrugado	Cerâmica não computada	Total do sítio
BORDA	13	3	1	1	18	11	—	6	2	19	19	—	—	—	19	31	6	2	—	39	50	71	26	23	170
CORPO	23	5	—	—	28	38	—	3	11	52	11	—	—	—	11	110	33	1	—	144	446	425	38	52	961
BASE	2	—	—	—	2	2	—	—	—	2	4	—	—	—	4	4	6	3	—	13	9	4	—	2	15
INDET.	23	—	—	—	23	41	—	1	—	42	14	—	—	—	14	141	45	6	—	192	919	1012	18	32	1981
TOTAL	61	8	1	1	71	92	—	10	13	115	48	—	—	—	48	286	90	12	—	388	1424	1512	82	109	3127

Tabulação dos fragmentos de cerâmica por tipos e sítios arqueológicos

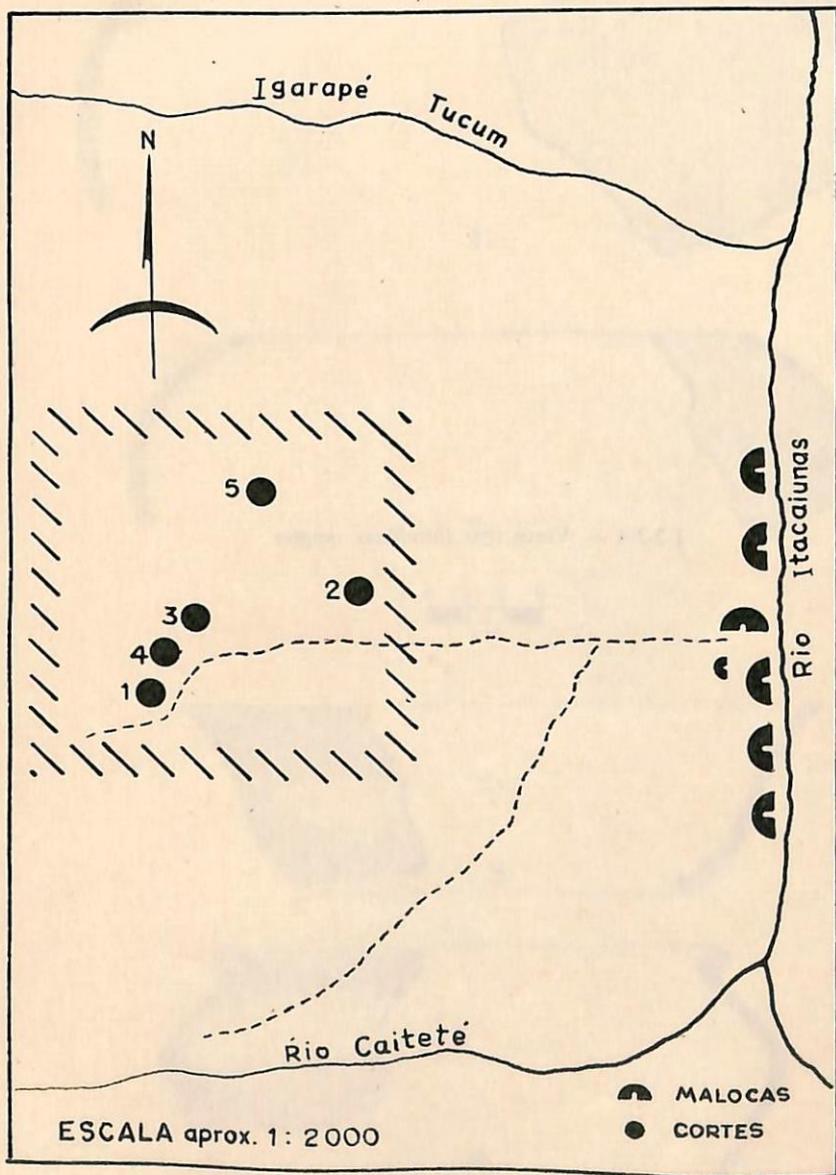
Mapa de localização dos sítios arqueológicos nos rios Itacaiúnas  
e Caiteté

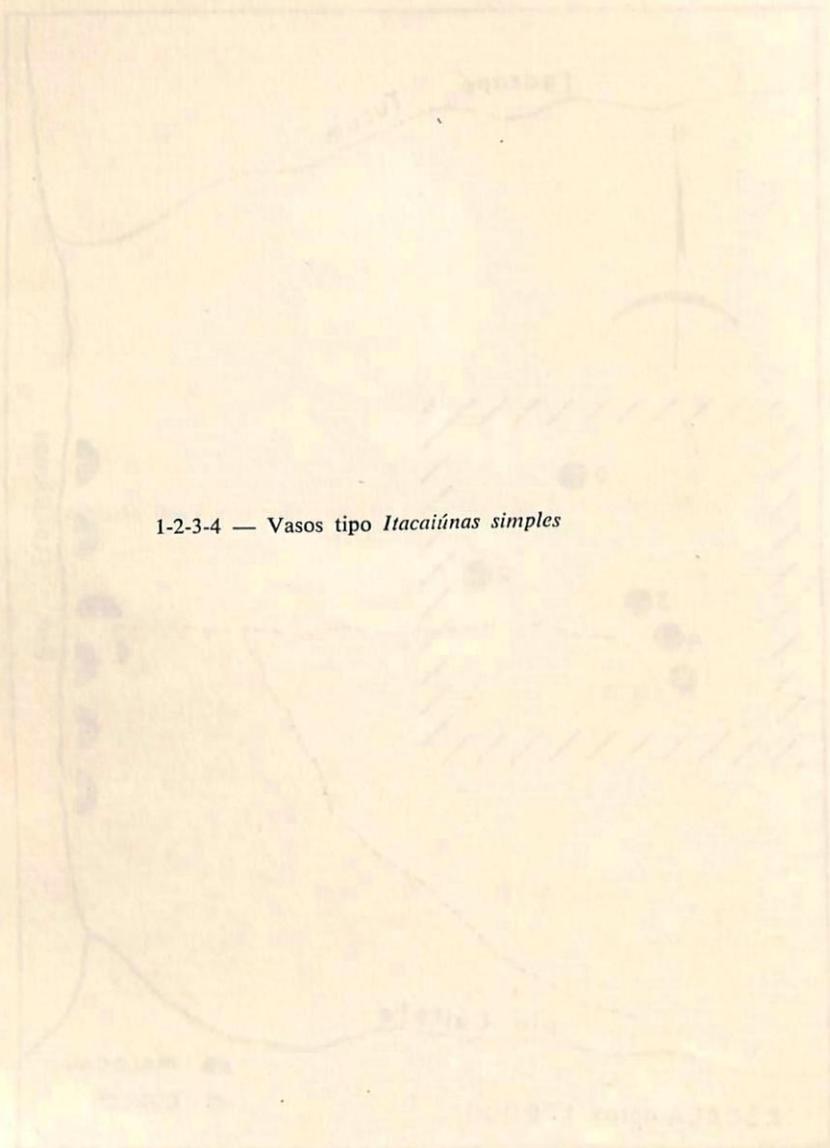


PRANCHA I

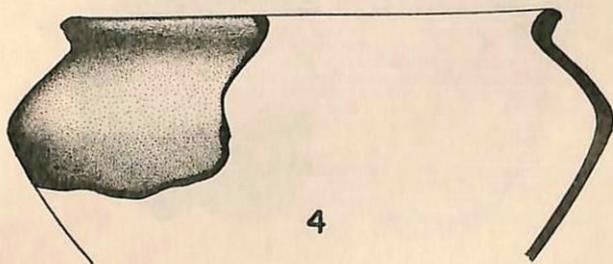
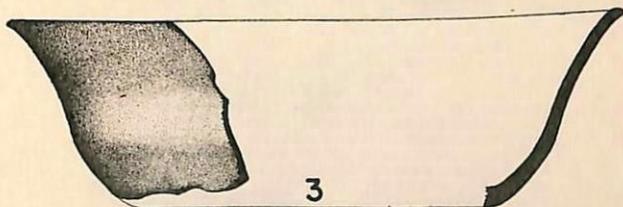
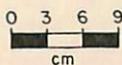
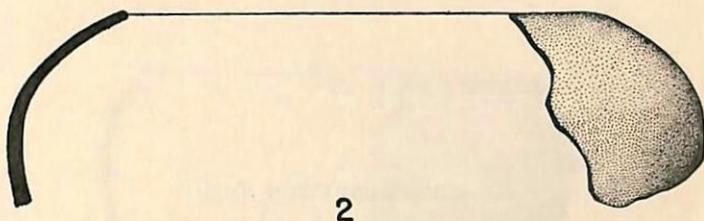
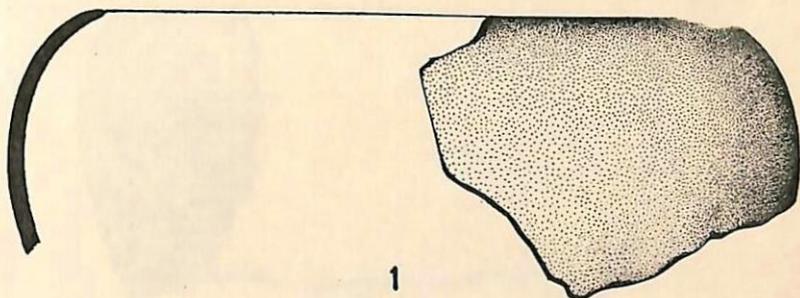


Localização dos cortes-experimentais realizados no sítio Aldeia Nova dos Xikrín

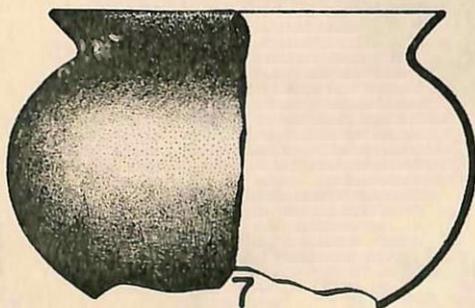
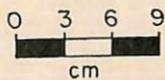
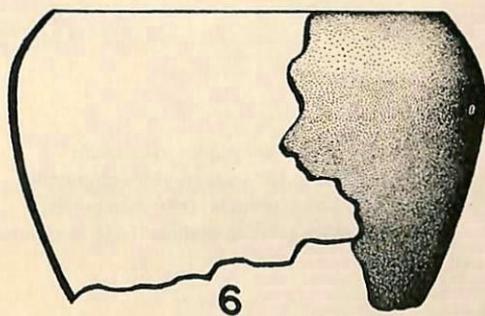
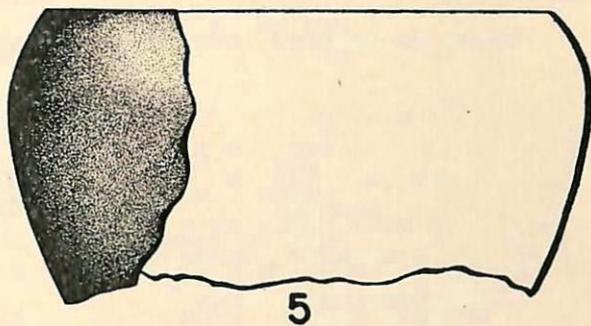


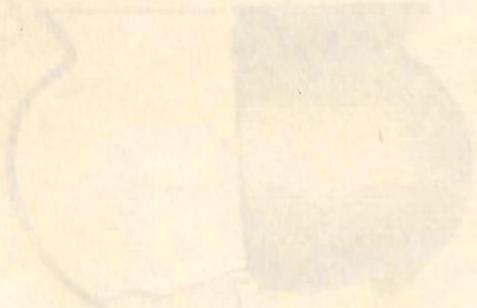
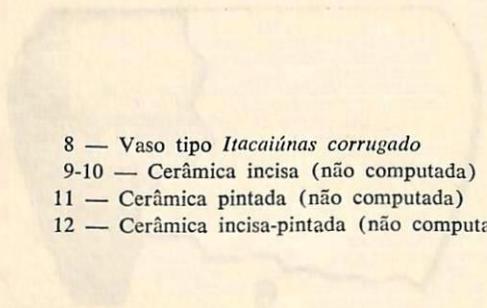


1-2-3-4 — Vasos tipo *Itacaiúnas simples*

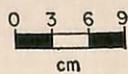
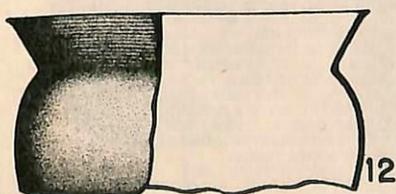
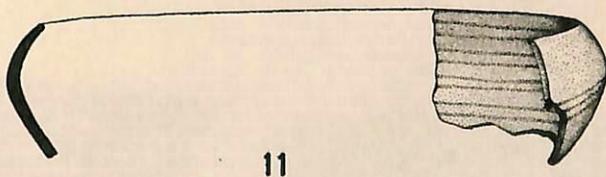
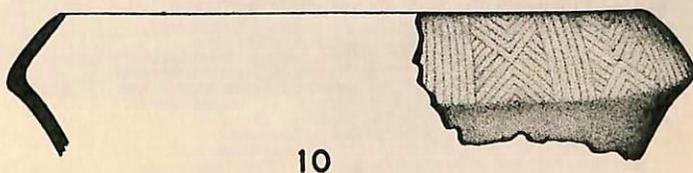
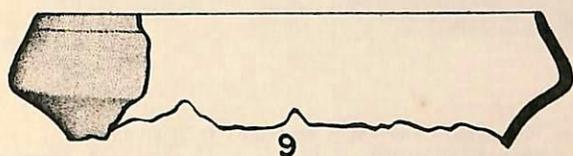
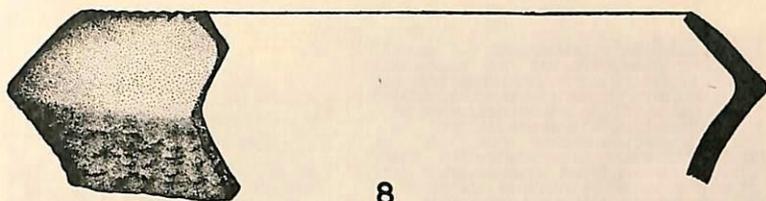


5-6-7 — Vasos tipo *Caiteté simples*





- 8 — Vaso tipo *Itacaiúnas corrugado*
- 9-10 — Cerâmica incisa (não computada)
- 11 — Cerâmica pintada (não computada)
- 12 — Cerâmica incisa-pintada (não computada)



- 13 — Fragmento de cerâmica modelada (não computada)  
14 — Cerâmica modelada, aplique antropomorfo (não computada)  
15 — Lítico. Raspador  
16 — Lítico. Fragmento de quebra-côco  
17 — Lítico. Machado  
18 — Fragmento de fundo de vaso com perfurações



13



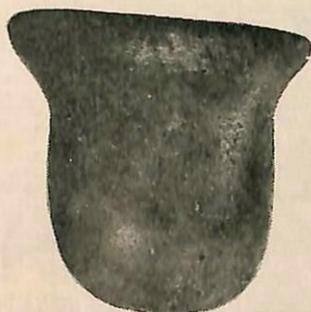
14



15



16



17



18

